



3950 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT15 - Educação Especial

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SUAS INTENCIONALIDADES JUNTO ÀS CRIANÇAS DE UM CENTRO DE ONCOLOGIA

Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana
Alessandra Alexandre Freixo - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

Neste estudo aborda-se a prática pedagógica na perspectiva da Pedagogia Hospitalar. Busca-se caracterizar práticas pedagógicas no ambiente hospitalar, delineando suas intencionalidades, como processo educativo junto às crianças de um Centro de Oncologia. Adota-se uma metodologia de pesquisa qualitativa-descritiva. Os achados indicam que as práticas pedagógicas sob as vertentes do enfoque educativo poderiam ocorrer com mais frequência e, sugerem a implantação de uma classe hospitalar.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar. Criança. Centro de Oncologia.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SUAS INTENCIONALIDADES JUNTO ÀS CRIANÇAS DE UM CENTRO DE ONCOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões sobre a forma de pensar a educação no ambiente hospitalar vêm ganhando visibilidade no meio acadêmico. Referenciamos, neste aspecto, o estudo fundante de Matos e Mugiatti (2014, p. 32), ao considerarem que a Pedagogia Hospitalar tem como aporte “[...] a pesquisa de envolvimento teórico e prático entre a realidade acadêmica/hospitalar [...]”, uma vez que, busca construir conhecimentos sobre a educação no contexto hospitalar.

A Pedagogia Hospitalar, enquanto uma modalidade da Pedagogia, emerge da relação entre educação e saúde no sentido de atender a uma especificidade da educação: crianças em situação de adoecimento e hospitalizadas que necessitam de atendimento pedagógico por se encontrarem afastadas da escola em determinado momento da vida.

Com efeito, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução nº 2/2001 (BRASIL, 2001), asseguram, no artigo 3, o direito ao atendimento pedagógico do educando com necessidades especiais provisórias, de modo a garantir a continuidade da sua aprendizagem e de seu desenvolvimento enquanto está impossibilitado de voltar à escola. O artigo 13, por sua vez, dispõe sobre o imperativo de uma ação integrada entre educação e saúde para o atendimento desses educandos com limitações decorrentes do adoecimento e hospitalização.

A criança acometida pelo câncer é imersa numa realidade diferenciada que exige mudanças na vida cotidiana, como o afastamento do convívio escolar decorrente da necessidade de lidar com procedimentos pertinentes ao tratamento. Tal situação requer atenção especial à criança, que pode apresentar alguma limitação transitória por estar impedida de frequentar a escola por um tempo indeterminado. Nesse contexto, o pedagogo, enquanto profissional da educação, busca, por meio de práticas pedagógicas, aproximar as crianças de um cotidiano rompido pelo tratamento à doença.

Diante do exposto, vale destacar que este estudo teve como objetivo caracterizar as práticas pedagógicas no ambiente hospitalar, definindo suas intencionalidades, como processo educativo direcionado às crianças de um Centro de Oncologia.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O presente trabalho está apoiado metodologicamente na abordagem qualitativa aplicada à pesquisa em educação, cuja especificidade dos seus correspondentes métodos possibilita o entendimento de que o pesquisador trabalha com os métodos disponíveis e pertinentes para o cumprimento dos objetivos propostos (MINAYO, 2016). Quanto aos objetivos, a pesquisa se configura como do tipo descritiva. Adotamos para a coleta de dados as técnicas de observação sistemática, entrevista semiestruturada e diário de campo.

O lócus deste estudo foi o Centro de Oncologia Infantojuvenil localizado no quinto andar de um hospital situado na cidade de Feira de Santana, Bahia. O centro realiza atendimento oncológico as crianças e adolescentes oriundos do município feirense e de outras cidades do estado, e está vinculado ao Sistema Único de Saúde (SUS).

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. As observações da prática pedagógica foram efetivadas nas manhãs de terça e quinta-feira, entre novembro de 2017 e fevereiro de 2018. Reiteramos que as práticas pedagógicas, no referido contexto, não estavam sendo desenvolvidas desde o mês de fevereiro de 2017. Estas atividades foram retomadas a partir da execução desta pesquisa de campo.

A entrevista destinada a uma pedagoga, no intuito de fazer o levantamento das práticas pedagógicas institucionalizadas no contexto em estudo, foi gravada sob a autorização da participante, e posteriormente, transcrita e analisada. Adotamos a análise de conteúdo de Bardin (2011) para os procedimentos e organização dos dados, assim como sua respectiva análise, através da construção de categorias temáticas, definindo a dimensão do conteúdo e agrupando-o com vistas à discussão fundamentada no aporte teórico.

3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA JUNTO ÀS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Entendo que tudo isso, a doença, o tratamento, as separações vão fazendo com que a criança adoça mais e o processo de cura não aconteça. Então, ela não pode perder o foco das coisas que faziam parte de sua rotina [...]. Então, eu aposto na prática pedagógica aqui, que é preciso trazer para dentro do hospital, essa rotina da escola, essa prática lúdica e de escolarização para que o processo de sofrimento vivido não seja tão doloroso e, ela possa enfrentar essa situação. (PEDAGOGA, 2017).

Sob o ponto de vista da pedagoga do Centro de Oncologia, existe uma primazia nas práticas de saúde, já estabelecidas no ambiente hospitalar, diante da necessidade da assistência médica à criança. A educação, por sua vez, aos poucos, tem encontrado o seu lugar nesse contexto. A partir da inserção da proposta da Pedagogia Hospitalar, a educação adentra nessas instituições, via prática pedagógica institucionalizada, com uma intencionalidade de atendimento à criança suplantando-se a perspectiva da doença e da cura. Assim, enquanto participe da equipe multidisciplinar, a pedagoga pesquisada busca integrar sua atuação à dos demais profissionais, enfermeiros, médicos e psicóloga, que compõem essa equipe, tendo como finalidade legitimar o espaço da prática pedagógica junto à prática de saúde.

Notoriamente, a forma como a doença atinge a criança pode conduzir a momentos de tristeza, estresse, sofrimento e medo; dificultando o seu atendimento diante dessa situação (KOVÁCS, 2007). Nesse sentido, a Resolução nº 41/1995, do Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados, estabelece, no item nove, o direito da criança desfrutar de atividades de recreação e programas de educação enquanto estiver impedida de frequentar a escola devido a situação de hospitalização. Em virtude disso, a equipe de saúde citada recorre à prática desenvolvida pela pedagoga.

[...] o diagnóstico dele é LLA. Ele foi perdendo a mobilidade das pernas e não está aceitando essa situação. [...] recusou o atendimento da psicóloga e da enfermeira, alegando que não queria mais nada. A coordenadora da oncologia, por solicitação dos enfermeiros e médicos, me pediu para conversar com ele. [...] Conversamos, na medida em que eu contava história. Ele de início não queria conversar, cheguei junto, depois se abriu, chorou, sorriu. [...] pediu desculpas pelo que fez porque estava muito chateado [...] diante dessa situação de não poder andar. E foi graças ao contato, a conversa com o serviço de Pedagogia. (PEDAGOGA, 2017).

Nesses termos, a abertura para a conversa mediada pela profissional de pedagogia contribui para que a criança se sinta acolhida e fale sobre as suas necessidades, sobre o que está sentindo enquanto acometida pelos agravos da doença. Assim, além de criar condições para uma relação de aproximação entre a equipe e a criança no atendimento e na realização de procedimentos necessários, contribui para a melhoria do estado de saúde da criança.

No planejamento e desenvolvimento da prática pedagógica, além dos conhecimentos da área de educação, a exemplo da didática como processo de ensino e aprendizagem, o trabalho com a ludicidade, a literatura infantil e a psicologia da educação, são necessários os da área de saúde, como tipos de patologias, cuidados paliativos, as limitações, para melhor lidar com a especificidade da criança. (PEDAGOGA, 2017).

Diante disso, a profissional entrevistada sinaliza a necessidade de uma formação que contemple essa característica de atuação. Segundo Fonseca (2008), o pedagogo pode ser um profissional da educação na saúde, mas não um profissional de saúde; isso implica uma preparação voltada à atuação no hospital, dado o caráter particular que a prática pedagógica exige.

De acordo com a pedagoga participe desta pesquisa, a prática pedagógica do centro oncológico se concretiza com base no enfoque educativo na perspectiva das vertentes lúdica e da escolarização, demarcando, assim, as intencionalidades dessa prática e permitindo a observação das nuances do trabalho humanizado pela ludicidade e do acompanhamento das atividades escolares.

No âmbito das discussões da Pedagogia Hospitalar, Gonzáles-Simancas e Polaino-Lorente (1990) e Matos e Mugiatti (2014) abordam a existência do enfoque formativo, que considera a utilização do diálogo, interação e ocupação do tempo com atividades formativas e lúdicas no processo de desenvolvimento integral da criança hospitalizada; bem como o instrutivo ou didático voltado ao processo de ensino e aprendizagem com a finalidade de oportunizar a continuidade da escolarização no hospital, respeitando a necessidade individual e a coletiva. Esses enfoques se fundem e formam o enfoque educativo.

Na perspectiva do enfoque educativo, a prática pedagógica desenvolvida na brinquedoteca em duas manhãs, semanalmente, propicia à criança brincar e aprender mesmo diante da situação excepcional em que se encontra. Abordada de maneira lúdica, a prática tem a finalidade de contemplar o processo pedagógico cognitivo, com vistas a atender as particularidades da criança, respeitar as suas limitações e investir em suas potencialidades.

No contexto em estudo, a prática pedagógica voltada para o acompanhamento das atividades da escola de origem é denominada atividade de intermediação, concretizada com a ajuda da família, que faz a mediação entre a escola e o hospital, de modo a contribuir e fortalecer a prática desenvolvida. Nessa conjuntura, a pedagoga (2017) ressalta que “[...] existe uma grande demanda para o atendimento pedagógico, por isso defendo a implantação da classe hospitalar para atender o pessoal da oncologia, que especificamente, permanece muito tempo hospitalizado em tratamento.”.

Percebemos, ao longo da observação, um item relevante: o esforço feito pela criança para se deslocar até a brinquedoteca no intuito de

vivenciar a prática proposta pela pedagoga. Geralmente, com muita dificuldade e ajuda do acompanhante, a criança traz aparelhos e dispositivos, além do cuidado constante com o acesso venoso. As atividades envolvendo o lúdico, como a prática pedagógica de contação de histórias, ajudam a criança a “tirar o foco” da doença e a vivenciar um momento de descontração e alegria (MATOS; MUGIATTI, 2014).

A mediação da pedagoga, através de atividades lúdico-pedagógicas, traz possibilidades de resgatar as sensações próprias da infância, fraturadas diante do estado de hospitalização, contribuindo para amenizar o sofrimento, o medo e o estresse ocasionados pela internação, mas também para que “[...] possam trazer bem-estar e potencializar o tratamento.” (KOVÁCS, 2007, p. 24).

Compreendemos que a brinquedoteca se configura como um lugar mágico no Centro de Oncologia, onde a criança tem a possibilidade de se encontrar com a pedagoga e com outras crianças para brincar, conversar, espantar os medos, jogar, estudar, ouvir histórias, desenhar, aprender e sorrir. Assim, a prática pedagógica consiste numa atividade agradável, pois possibilita romper com a condição de paciente, já que, além de causar o bem-estar, segundo Gimenes (2007, p. 16), “[...] a imaginação se expande, a mente cria e o corpo responde por meio de atitudes inusitadas.”.

Com base nos achados, a prática pedagógica na brinquedoteca da oncologia é uma possibilidade de manter um elo da criança com as atividades que faziam parte de sua vivência cotidiana antes da doença. Sob o ponto de vista da pedagoga (2017), essa prática, realizada de forma lúdica, busca atenuar os desconfortos e sofrimentos causados pelo tratamento. Para tanto, compreendemos que à medida que a pedagoga adentra no ambiente hospitalar, paulatinamente demarca e legitima o espaço da educação por meio da potencialidade da prática pedagógica no contexto em estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação da prática pedagógica em pauta e a entrevista com a pedagoga direcionaram caminhos possíveis para a busca de conhecimentos sobre a caracterização das práticas pedagógicas e suas intencionalidades. Os achados indicam a necessidade de se legitimar essas práticas no que tange à possibilidade de prestar um atendimento integral à criança doente hospitalizada, com base no aparato legal em vigor, que lhe assegura o direito de ser assistida pela educação. Assim, a criança pode assumir a condição de sujeito ativo e participativo, com a possibilidade de refletir sobre o que está vivendo e romper com o estado de paciente que a situação de adoecimento lhe confere.

Quanto às intencionalidades, as práticas pedagógicas podem ser caracterizadas com base no enfoque educativo, na perspectiva das vertentes do lúdico e da escolarização, com possibilidade de ocorrer com mais frequência durante a semana. Como o hospital pesquisado não possui classe hospitalar, a pedagoga responsável buscou amenizar essa ausência por intermédio do acompanhamento das atividades escolares, ao perceber a necessidade de manter a ligação da criança com a escola.

Os dados sugerem ainda, a possibilidade de implantação da classe hospitalar para um acompanhamento mais pontual da escolarização, bem como apontam a necessidade de ampliar o número de profissionais, a fim de alargar o atendimento pedagógico ao ambulatório e à casa de apoio, que também acolhem as crianças em questão. Outro aspecto considerável, apesar de não corresponder diretamente ao foco deste estudo, consiste na necessidade de uma formação, para o pedagogo, que contemple a articulação teoria-prática, com vistas à melhoria do trabalho desenvolvido junto às crianças no Centro de Oncologia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, Seção I, 1995, p. 16.319-16320.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução CEB/CNE nº 2, de 11 de setembro de 2001.

FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.

GIMENES, B. P. O brincar e a saúde mental. In: VIEGAS, D. (Org.) **Brinquedoteca Hospitalar: Isto é Humanização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

GONZÁLES-SIMANCAS, J. L.; POLAINO-LORENTE, A. **Pedagogia Hospitalaria: actividade educativa en ambientes clínicos**. Madrid: Narcea, 1990.

KOVÁCS, M. J. A criança e a morte. In: VIEGAS, D. (Org.) **Brinquedoteca Hospitalar: Isto é Humanização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. T. F. **A Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

PEDAGOGA. **Entrevista**. [nov. 2017]. Feira de Santana: [s.n.], 2017. 1 arquivo sonoro mp3 (40min). Entrevista cedida ao projeto deste estudo.